



DE VYGOTSKY A BOAL: CONSIDERAÇÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA E A PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE

FROM VYGOTSKY TO BOAL: CONSIDERATIONS ON THE ARTISTIC EXPERIENCE AND THE PRODUCTION OF SUBJECTIVITY

João Paulo Galhardo Brum¹
Fernando Santana de Paiva²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo discutir, de maneira preliminar, em que medida a experiência artística (seu consumo e sua produção) pode contribuir para uma mudança da subjetividade em direção a potencialização da criatividade e da emancipação dos sujeitos. Realizamos uma revisão narrativa de literatura, articulando os preceitos da Psicologia Histórico-Cultural de Vygotsky e sua base materialista histórico-dialética com o debate sobre a estética do oprimido de Augusto Boal, considerando tal diálogo como uma ferramenta para o desenvolvimento de práticas no campo da psicologia social. Partindo de um panorama sobre a constituição de sujeito em Vygotsky a discussão avança para uma delimitação do conceito de alienação e do papel da arte no seu enfrentamento. Por fim, são apresentadas algumas experiências que buscaram aproximar tais debates com o intuito de potencialização da produção da subjetividade.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia Histórico-Cultural; Arte; Alienação.

ABSTRACT: The present article aims to discuss, in a preliminary way, the extent to which artistic experience (its production and consumption) can contribute to the production of subjectivity towards the potential of creativity and the emancipation of the individual. We conducted a narrative literature review, articulating the precepts of Vygotsky's Historical-Cultural Psychology and its historical-dialectical materialist basis with the debate on the aesthetics of the oppressed by Augusto Boal, considering such dialogue as a tool for the development of practices in the field of Social Psychology. From a general overview of the subjectivity constitution in Vygotsky, the discussion advances towards a delimitation of the concept of alienation and the role of art in its confrontation. Finally, some examples of experiments and studies that have tried to approach such debates are exposed.

KEYWORDS: Historical-Cultural Psychology; Art; Alienation.

1 INTRODUÇÃO

Lev Semyonovich Vygotsky (1896-1934) foi um importante autor da psicologia soviética. Suas críticas a essa disciplina são relevantes até os dias atuais, assim como sua revolucionária teoria sobre subjetividade e constituição de sujeito. Juntamente com Aleksei Nikolaeovich Leontiev (1903-1979) e Alexander Romanovich Luria (1902-1977) constituiu as bases do que ficou conhecida como Psicologia Histórico-Cultural (MOLON, 2017). Sua formação plural e seu grande interesse pela arte o levaram a escrever um livro, *Psicologia da Arte*, de

¹ Psicólogo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). jpgbrum@gmail.com

² Psicólogo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Docente do curso de graduação e pós-graduação do Departamento de Psicologia da UFJF. Coordenador e pesquisador do Núcleo de Pesquisa sobre Sujeitos, Política e Direitos Humanos (Nupsid). fernandosantana.paiva@yahoo.com.br

1925, e diversos textos sobre o tema, articulando a constituição de sujeito, o papel da arte na vida humana e a psicologia.

Uma das principais críticas de Vygotsky à psicologia de sua época era a grande quantidade de correntes teóricas e dados empíricos, com debates sem muita consistência, especialmente entre as principais tendências da época, as introspeccionistas e as objetivistas. Trata-se, segundo o autor, de correntes idealistas, mecanicistas e reducionistas. Tal situação era vista por Vygotsky como prejudicial à evolução da Psicologia como ciência, além de argumentar que tais debates não abrangiam a complexidade do objeto de estudo proposto, a saber, o psiquismo humano, sua formação e seu funcionamento (MOLON, 2017). Dessa forma, ele propôs um modelo de psicologia que superasse tal debate, que tornaria a psicologia uma ciência única, sem separatismos e escolas adversárias. Em seu texto de 1927 “O significado histórico da crise da psicologia – uma investigação metodológica”, Vygotsky elaborou essas críticas e delimitou um novo caminho para tal ciência.

O novo caminho proposto pelo autor tem como base uma reformulação metodológica, já que para ele a possibilidade da Psicologia se tornar uma ciência única dependia de uma melhor definição de seu método. A crise da psicologia, portanto, segundo o psicólogo soviético, não seria restrita ao objeto de estudo, mas, sobretudo em relação ao método empregado (VYGOTSKY, 2004). Assim, Vygotsky defende um novo enfoque metodológico, encontrando no materialismo histórico-dialético a base epistemológica para a construção de seu trabalho teórico e de pesquisa (MARTINS, 2008).

Não cabe aqui delimitar toda a complexidade do materialismo histórico-dialético. Porém, é preciso deixar claro alguns conceitos básicos que serão utilizados e que são fundamentais para a compreensão da teoria de Vygotsky. O primeiro deles é o conceito de história. Como definido de forma muito clara por Sirgado:

Quando Vygotsky fala do significado geral de história, apoia-se na célebre afirmação de Marx – “a única ciência é a história” – para esclarecer aquilo que está afirmando. Esta referência nos autoriza a pensar que, se a história é a única ciência, deve ser porque toda ciência é necessariamente histórica. Mas dizer que a ciência é histórica, no contexto do materialismo histórico, equivale a dizer que ela é produto da atividade humana, não um dado puro da razão nem a simples expressão da realidade natural das coisas (SIRGADO, 2000, p.49).

Dessa forma, a importância dada ao caráter histórico do desenvolvimento humano é um dos principais pontos que diferenciam a teoria de Vygotsky das demais teorias psicológicas. Amparado pela teoria de Marx e Engels, a compreensão de ser humano de Vygotsky tem como base principal a evolução histórica das relações sociais, que juntas constituem a essên-

cia humana. Para eles, a história nada mais é do que o processo de transformação da natureza humana.

Com isso, é possível entender o conceito de materialismo histórico. Segundo tal concepção, a transformação do homem de ser biológico em ser social só foi possível através de apropriações e objetivações culturais, sendo o trabalho o principal meio para sua humanização. De acordo com Sirgado: “a história do homem é a história dessa transformação, a qual traduz a passagem da ordem da natureza à ordem da cultura” (SIRGADO, 2000, p.51). Esse salto de animal para homem acontece quando o ser humano passa a não só adaptar-se à natureza, mas a modificá-la através do trabalho, definindo o seu modo de existência, não mais refém das forças biológicas (MARTINS, 2008). Tais forças, porém, não são eliminadas, mas tornam-se parte da história humana. Vygotsky, então, evita cair no reducionismo dicotômico entre aspectos fisiológicos e psicológicos, considerando-os como constituintes de um mesmo processo histórico, inevitavelmente relacionados (ZANELLA, 2004).

Outro conceito fundamental é o de dialética. A dialética compreende a realidade como algo contraditório e em constante mudança, definindo a contradição como “princípio básico do movimento pelo qual os seres existem” (KONDER, 2017, p.47). Assim, o materialismo dialético considera a realidade sempre mais rica do que o conhecimento que dela temos, não reduzindo-a ou limitando-a às barreiras do conhecimento. Seu método consiste em identificar as contradições e mediações que constituem cada totalidade, sempre atenta à “constante emergência do novo” (KONDER, 2017, p.38). Tal compreensão do real como totalidade é uma das suas principais características, com a construção do conhecimento partindo de todos os aspectos de um fenômeno (MARTINS, 2008).

Enquanto o objeto de estudo do materialismo histórico são os modos de produção, no materialismo dialético o objeto é a história da produção do conhecimento. Assim, “o materialismo histórico é a aplicação do materialismo dialético à história” (VYGOTSKY, 1996, citado por SIRGADO, 2000, p.48). A partir daí, é possível entender a base epistemológica de Vygotsky e sua visão de ser humano, tão influenciada por Marx e Engels, levando-o à afirmação de que o homem é “a personalidade social, o conjunto de relações sociais, encarnado no indivíduo (funções psicológicas, construídas pela estrutura social)” (VYGOTSKY, 2000, p.33).

2 CONSTITUIÇÃO DE SUJEITO EM VYGOTSKY E ALIENAÇÃO NA SOCIEDADE CAPITALISTA

De acordo com Vygotsky (2000), as funções psicológicas superiores³ têm sua origem nas relações humanas, a partir da interação do sujeito com o outro dentro do contexto sócio-histórico-cultural no qual estão inseridos. Tais funções seriam, então, relações sociais convertidas e interiorizadas (MOLON, 2017).

Essas funções surgem, primeiramente, de forma intersíquica, através da interação social e coletiva, convertendo-se depois em funções intrapsíquica, ou seja, como propriedades do pensamento (VYGOTSKY, 2000). Existe, portanto, segundo Vygotsky, uma transição do externo para o interno (AITA; FACCI, 2011). E para ele, “falar sobre processo externo significa falar social. Qualquer função psicológica superior foi externa – significa que ela foi social; antes de se tornar função, ela foi uma relação social entre duas pessoas” (VYGOTSKY, 2000, p.24).

O papel do outro, portanto, é fundamental para a formação do indivíduo, sendo constituinte do seu psiquismo. E essa relação externa converte-se em relação interna. Nossa relação com nós mesmos provém da relação com o outro (ZANELLA, 2005). Por isso o autor afirma que a dinâmica da personalidade é o drama, explicitando essa relação, pois a interação das funções superiores existe a partir da interação entre pessoas, como se fossem uma réplica interiorizada dessas últimas. “O raciocínio é discussão; o pensamento é fala (conversa consigo)” (VYGOTSKY, 2000, p.25).

Uma das principais diferenças dessa teoria, porém, é que a gênese dessas relações e sua futura conversão em funções superiores não são imediatas, ou seja, não são automáticas. Ela pressupõe a atividade do indivíduo, sendo mediadas, portanto, através de significações (SIRGADO, 2000). O que se internaliza não são as relações em si, mas sua significação, com o sujeito lhes atribuindo o seu sentido próprio e individual, incluindo a significação que ele tem dele mesmo. Para Vygotsky (2000) é o surgimento dessa atividade simbólica que representa a passagem do plano natural para o cultural, tanto para a espécie humana como um todo, quanto para o indivíduo. “É a significação que confere ao social sua condição humana” (SIRGADO, 2000, p.59).

Os signos conectam os indivíduos uns aos outros, fazendo com que eles desenvolvam uma apreensão da realidade. Essa relação semiótica mediada é o que possibilita a objetivação

³ Processos mentais típicos dos humanos, como personalidade, consciência, emoção, imaginação, pensamento, linguagem, raciocínio, dentre outros (VYGOTSKY, 2000).

e subjetivação do homem, fazendo com que ele se modifique e modifique também a realidade. É através da atividade mediada, portanto, que o homem transforma o contexto social e, via apropriação de suas significações, constitui-se a si mesmo como sujeito (ZANELLA, 2004).

Dessa forma, como bem define Duarte:

O processo de objetivação é, portanto, o processo de produção e reprodução da cultura humana (cultura material e não-material), produção e reprodução da vida em sociedade. O processo de objetivação da cultura humana não existe sem o seu oposto e ao mesmo tempo complemento, que é o processo de apropriação dessa cultura pelos indivíduos (DUARTE, 2004, p. 50).

Assim, através da apreensão dos signos, o psiquismo se desenvolve. Porém, tais signos são construídos socialmente, no decorrer das relações humanas (AITA; FACCI, 2011). “Daí que, ao se apropriar de um produto cultural, o indivíduo está se relacionando com a história social, ainda que tal relação nunca venha a ser consciente para ele [...]” (DUARTE, 2014, p. 51). Dessa forma, podem assumir diferentes significados, de acordo com o contexto ao qual estão inseridos, dependendo da vivência de cada um, de quem o emite e de quem o recebe.

Logo, nossa relação com a realidade é sempre mediada pela cultura, pois os signos possuem sua origem nela, conferindo-nos um papel de atores, pois estamos limitados pelas condições sócio-históricas de nossos contextos. Portanto, só através da análise da produção social da cultura e da produção cultural dos sujeitos é possível explicar o psiquismo humano. Porém, a possibilidade de atribuir diferentes sentidos ao que nos é apresentado nos confere papel de autores, facilitando a contestação e a modificação do que está estabelecido (ZANELLA, 2004).

Por ser inseparável da cultura, a formação psíquica do homem e sua constituição como sujeito são influenciadas diretamente, por exemplo, pelas relações de classe existentes em sua sociedade. Vygotsky, aliás, reafirma o caráter de classe de sua teoria, dizendo que a personalidade humana não pode ser vista como algo homogêneo, devendo a psicologia, então, levar em consideração os diferentes tipos humanos formados de acordo com as diferentes classes sociais existentes e, conseqüentemente, as diferentes condições de trabalho (SIRGADO, 2000)

O materialismo histórico-dialético considera o trabalho como a atividade vital do homem, sendo este imprescindível para a sua realização humana, já que o homem se produz pelo trabalho, ao adaptar a natureza a si. Nos Manuscritos Econômico-filosóficos Marx afirma que o trabalho é a essência humana (MARX, 2015). Na sociedade capitalista, porém, o trabalho perde suas características humanizantes, removendo da prática seu aspecto consciente e soci-

al. A propriedade privada e os sistemas de remuneração e de lucro determinam a alienação do trabalhador, que é afastado do que produz, não tendo nenhuma ligação entre sua atividade e seu produto, se tornando, portanto, alienado (MARTINS, 2008). Assim, sua subjetividade é claramente afetada, já que é constituída por intermédio dessas relações, sendo mediada pela linguagem e pelo contexto histórico-cultural (AITA ; FACCI, 2011). Segundo Marx, "não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência." (2008, p.47). Dessa forma, a essência humana na sociedade capitalista se dá com uma essência alienada.

A palavra alienado aqui possui sentido de:

aqueles que não têm consciência de sua própria situação, que não se sabem como sujeitos da história, aqueles que perderam sua condição de sujeitos de seus próprios atos, de suas próprias obras" e ainda "sob o aspecto subjetivo, a alienação consiste no não reconhecimento, pelo homem, de si mesmo seja em seus produtos, seja em sua atividade, seja, ainda, nos outros homens (SAVIANI, 2004, p.8).

Isso ocorre, pois, na sociedade capitalista, existe uma dissociação entre significado e sentido da ação humana, já que a ação é parte da atividade, sendo essa mais abrangente. Assim, na mente humana, o conteúdo da ação se relaciona com o motivo desta. A atividade e sua totalidade que darão sentido à essa ação, despertando diferentes emoções e sentimentos (DUARTE, 2004).

Assim, com a divisão do trabalho e a propriedade privada existe uma dissociação entre o significado e o sentido da ação na consciência humana, já que o sentido depende do motivo e o motivo do trabalho na sociedade capitalista é dado pelo salário:

[...] o sentido pessoal é produzido pelas condições objetivas de vida do operário, que o levam a vender a sua força de trabalho em troca de salário. Por essa razão, o sentido do trabalho do operário será para ele o mesmo, esteja ele trabalhando em uma fábrica de tecidos, ou em uma fábrica de armas ou em uma fábrica de remédios que salvam vidas, pois o sentido de seu trabalho é determinado pelo quanto ele recebe e não pelo que ele produz (DUARTE, 2004, p. 57).

Dessa forma, o sujeito precisa vender uma parte de sua vida, parte essa que deveria servir para sua formação humana e que constitui sua essência:

A atividade vital como atividade autorrealizadora é a única forma de o indivíduo se efetivar como um ser genérico, isto é, um ser conscientemente representativo do desenvolvimento alcançado pelo gênero humano. A superação do trabalho alienado não se dá pela negação do trabalho ou pela busca de uma suposta essência reprimida no interior do indivíduo, mas sim pela transformação da atividade em relação cons-

ciente com o mundo resultante da objetivação histórica e social do gênero humano (SAVIANI; DUARTE, 2010, p.429).

Tal relação consciente com o mundo a partir dessa objetivação histórica pode ocorrer de diversas formas. O mesmo meio histórico que produz as condições para a alienação também gera sua possibilidade de eliminação (MARX, 2015). A superação do capitalismo seria a máxima a ser alcançada, porém, dentro dele, algumas possibilidades, como a educação e a arte, podem servir para escapar à alienação.

3 ARTE E EDUCAÇÃO ESTÉTICA: UM BREVE DIÁLOGO ENTRE VYGOTSKY E BOAL

A arte, para Vygotsky, tem como missão a transformação de algo anterior em algo superior, sejam sentimentos ou mesmo a realidade concreta:

O milagre da arte lembra antes outro milagre do Evangelho – a transformação da água em vinho, e a verdadeira natureza da arte sempre implica algo que transforma, que supera o sentimento comum, e aquele mesmo medo, aquela mesma dor, aquela mesma inquietação, quando suscitadas pela arte, implicam o algo a mais acima daquilo que nelas está contido. E este algo supera esses sentimentos, transforma a sua água em vinho, e assim se realiza a mais importante missão da arte. [...] A arte está para a vida assim como o vinho está para a uva. A arte recolhe da vida o seu material, mas produz acima desse material algo que ainda não está nas propriedades desse material (VYGOTSKY, 1998, p.307).

A arte, portanto, possibilita a superação de certos aspectos psíquicos que não encontram vazão na vida cotidiana, elaborando sentimentos e transformando-os em sentimentos opostos, solucionando-os. Vygotsky (1998) define tal fenômeno utilizando o termo *perezhivanie*, que seriam “vivências carregadas de fortes emoções que impactam o desenvolvimento interferindo em seu curso”; sendo tal termo traduzido para o português como *catarse*. Assim, a arte, ao provocar a *perezhivanie*, sistematiza e organiza o sentido social, dando vazão a tensões angustiantes. “A arte, desse modo, surge inicialmente como o mais forte instrumento na luta pela existência. E é essa possibilidade de superar na arte as maiores paixões que não encontram vazão na vida normal o que, pelo visto, constitui o fundamento do campo biológico da arte” (VYGOTSKY, 1998, p. 301). O autor caracteriza a arte como fonte de descarga de energias psíquicas, equilibrando a balança do indivíduo com o mundo. Porém, tal ato modifica nosso psiquismo, promovendo a transformação de quem nós somos.

Indo ao encontro de toda sua teoria da subjetividade e do papel desempenhado pelas relações sociais, Vygotsky argumenta que o efeito da arte é um efeito social, já que:

O social existe até onde há apenas um homem e as suas emoções pessoais. [...] A re-fundição das emoções fora de nós realiza-se por força de um sentimento social que foi objetivado, levado para fora de nós, materializado e fixado nos objetos externos da arte, que se tornaram instrumento da sociedade. A peculiaridade essencialíssima do homem, diferentemente do animal, consiste em que ele introduz e separa do seu corpo tanto o dispositivo da técnica quanto o dispositivo do conhecimento científico, que se tornam instrumentos da sociedade. De igual maneira, a arte é uma técnica social do sentimento, um instrumento da sociedade através do qual incorpora ao ciclo da vida social os aspectos mais íntimos e pessoais do nosso ser. Seria mais correto dizer que o sentimento não se torna social, mas ao contrário, torna-se pessoal, quando cada um de nós vivencia uma obra de arte, converte-se em pessoal sem com isto deixar de continuar social (VYGOTSKY, 1998, p.315).

Dessa forma, fica claro o sentido social da arte e seu potencial para modificar a maneira como os sujeitos relacionam-se entre si e, conseqüentemente, com o mundo, podendo provocar mudanças na realidade. A arte nos desperta o desejo de ação, criando aspirações que estão acima de nossa vida presente. Tal processo amplia nossa personalidade, oferece-nos novas possibilidades, predispõe novos comportamentos e, assim, tem sentido educativo. A percepção da arte é ao mesmo tempo a percepção do estado aparente das coisas e do seu oposto, das suas contradições, possibilitando sua revelação e sua destruição. É uma construção dialética da vida. (VYGOTSKY, 1998).

Ao romper com o conhecimento aparente do cotidiano e da realidade, é possível desenvolver um novo tipo de individualidade e de personalidade, voltadas para si, partindo de um desenvolvimento de autoconsciência, percebendo as múltiplas determinações de si e da realidade, ganhando noções de liberdade e de universalidade. Esse novo tipo de personalidade é desenvolvido em decorrência de diversas atividades que resgatam o valor humano da produção, correspondendo a necessidades humanas e possibilitando ao sujeito perceber as determinações concretas da realidade, e não só as aparentes. (SILVA, 2009). Dessa forma, então, Vygotsky considera a arte como uma forma de conhecimento tão relevante quanto o conhecimento científico (JAPIASSU, 1999).

E esse fenômeno, assim como todos os outros dentro da corrente histórico-cultural da qual Vygotsky faz parte, leva em consideração a mediação dos signos como parte fundamental desse processo. A construção de significados possui espaço de destaque dentro da arte, sendo uma poderosa ferramenta para impulsionar a construção de novos sentidos, através da apropriação de signos diversos ali expostos. Com isso, retoma-se a associação entre sentido e significado desvirtuada nos meios de produção capitalista, reaproximando a ação de seu moti-

vo. São os signos, aliás, que diferenciam a teoria de Vygotsky da de outros estudiosos da arte e também da psicologia, já que toma a obra de arte como “uma das formas mais comuns de interpretar a vida e, reciprocamente, como uma das formas de construção de nós mesmos – como identidade, como desenvolvimento, como relação terapeuta-paciente ou qualquer outro fenômeno que dê conta, com esta mediação sógnica, da interdependência entre psiquismo e cultura” (MOUTINHO; DE CONTI, 2010, p. 692).

Cabe questionar, porém, se apenas o contato com a arte seria suficiente para despertar essa individualidade para-si⁴ no sujeito. Augusto Boal, criador do Teatro do Oprimido (TO) e da chamada Estética do Oprimido, argumenta que não. Para ele, é necessário também produzir arte: “Não basta consumir cultura: é necessário produzi-la. Não basta gozar arte: necessário é ser artista!” (BOAL, 2009, p. 19).

Para Boal (2009), aliadas à alienação da produção capitalista existem ferramentas culturais que exercem a função de manutenção do estado de alienação dos sujeitos. Para o autor, o uso e monopólio da cultura de massa, pelas vias da Palavra, da Imagem e do Som pelas classes dominantes têm como objetivo reforçar a relação de opressão existente, favorecendo a obediência não contestatória. É o que ele chama de analfabetismo estético, que também são causas de alienação do sujeito com a sua própria cultura e com a produção da arte, limitando sua criatividade, reprimindo a possibilidade de criação e reduzindo-os à condição de espectadores (BOAL, 2009).

No entanto, Boal (2005) argumenta que são nestes domínios que devemos travar as lutas sociais e políticas em busca de sociedades sem opressores e sem oprimidos. De forma parecida com a argumentação de Vygotsky, Boal escreve que as transformações provocadas pela arte são um caminho para a libertação dos oprimidos, ampliando e aprofundando o conhecimento da realidade, contribuindo na tomada de consciência dos meios possíveis para transformá-la. Além disso, ambos os autores dão destaque para o caráter simbólico do psiquismo humano, fundamentais para o conhecimento do mundo. Boal (2009) também cria o conceito de Pensamento Sensível, que seria uma forma de pensamento não verbal, ligada às emoções e sentimentos que muitas vezes fogem às palavras, mas que, de forma sintética, também pode ser ligada à produção de subjetividade em Vygotsky.

⁴ Duarte (2004) é um dos principais autores da psicologia histórico-cultural a tratar o termo individualidade. A partir da ontologia marxista, o autor entende tal conceito como produto e processo da singularidade e universalidade humana. A individualidade em-si seria consequência de apropriações alienadas, enquanto a individualidade para-si refere-se às apropriações mais aprofundadas das produções do gênero humano.

Assim, há um consenso, de forma geral, para Vygotsky e Augusto Boal, de que a arte como ação humana produz efeitos sobre nosso psiquismo⁵, sendo capaz de produzir mudanças na maneira como nos percebemos, sentimos e projetamos o mundo e a nós mesmos, isso ocorre em razão de transformações, contradições, ressignificações que atuam diretamente na produção de nossa subjetividade e, conseqüentemente, dialeticamente, na sociedade. Com isso, a produção artística, ao convocar tão fortemente o indivíduo durante todo seu processo a ser ativo e consciente, pode contribuir no escape das determinações alienantes da produção capitalista, podendo estimular a busca por transformações que eliminem a condição de opressão. Boal argumenta ainda que:

[...] só através da contracomunicação, da contracultura-de-massas, do contradogmatismo; só a favor do diálogo, da criatividade e da liberdade de produção e transmissão da arte, [...], só assim será possível a liberação consciente e solidária dos oprimidos e a criação de uma sociedade democrática (BOAL, 2009, p. 18).

Alguns autores marxistas, como Sanchez Vazquez (1996), argumentam que tal separação entre fazer arte ou apreciar arte não deveria existir, sendo uma condição essencial para a outra. Para ele, a chamada Educação Artística, que estaria ligada à produção artística é tão fundamental quanto à Educação Estética, que estaria ligada à percepção artística, com ambas exercendo papel tanto na apropriação quanto na objetivação da realidade. O papel da *práxis* artística seria, portanto, o de aliar arte e revolução, numa relação dialética entre o fazer e o apreender com potencial para a transformação, tendo como objetivo principal o desenvolvimento multilateral dos indivíduos (SCHÜHLI; ROSSLER, 2011).

Tendo consciência da mercantilização da arte e da estética no mundo capitalista, a superação do capitalismo no campo da arte se daria, principalmente, pela “socialização do patrimônio cultural e, em especial, da arte para as massas” (SCHÜHLI; ROSSLER, 2011, p.701). Sanchez-Vazquez discorre ainda sobre a presença da estética nos diversos campos da vida, como na arte, onde apresenta papel principal, mas também no cotidiano, como na arquitetura, no artesanato ou até na natureza, enfatizando o “desenvolvimento da sensibilidade em todas as esferas do estético, embora não desloque a arte da centralidade do universo estético atual” (SCHÜHLI; ROSSLER, 2011, p.711).

Dessa forma, é possível perceber como a educação estética pode apresentar papel fundamental na formação dos indivíduos, refinando o olhar sobre o mundo e educando os sentidos:

⁵ Pensamento Simbólico em Boal. (Boal, 2009).

O sentido artístico não nasce e não se desenvolve de uma forma autônoma na vida mental do homem, nem independentemente de outros aspectos da personalidade, como o aspecto moral e o intelectual. Isto implica na defesa, no plano educativo, de que a educação artística não deve separar-se da educação geral, de maneira que todos os educadores considerem a educação artística como uma parte essencial e integral de seu trabalho (SCHÜHLI; ROSSLER, 2011, p.719).

4 ARTE E A PRODUÇÃO DE NOVOS SENTIDOS: ALGUMAS EXPERIÊNCIAS

Alguns estudos e experiências, reunidos através desta revisão narrativa de literatura, contribuem para ilustrar o que foi até aqui exposto. A revisão narrativa de literatura constitui-se como um tipo de pesquisa onde o objetivo não é reunir sistematicamente trabalhos sobre um tema a fim de esgotá-lo, mas, ao contrário, proporcionar uma visão ampla sobre certos assuntos para incentivar discussões e futuras investigações, tendo como foco a análise crítica do autor (ROTHER, 2007).

O primeiro exemplo de estudo que ilustra bem o que foi proposto teoricamente até aqui é o que foi realizado por Hinkel e Maheirie, (2011). Nele, jovens da periferia da cidade de Blumenal (SC) foram entrevistados a fim de investigar a relação dos mesmos com o Rap. Nesse estudo é possível ver claramente o papel da arte na ressignificação do sujeito no mundo. Os jovens, além de serem negros, estão inseridos em um contexto de pobreza na periferia de uma cidade de origem germânica, convivendo com o conflito de realidades a todo tempo. Assim, a apropriação e objetivação do Rap pelo sujeito gerou a possibilidade de “compreender a si mesmo, ajudando-o a responder questões de identidade singular e coletiva e produzindo simultaneamente sua autodefinição pessoal e seu lugar na sociedade” (HINKEL; MAHEIRIE, 2011, p. 391).

Isso se deu através do deslocamento da percepção aparente para a produção de novos significados da realidade concreta, impulsionados pela apropriação da configuração estética do Rap, incluindo seu ritmo, melodia e letra, fazendo com que os jovens, por exemplo, decorassem as letras para cantar junto com a música, assumindo um protagonismo e adotando para si as vivências relatadas nas letras, ressignificando sua biografia. Foram relatadas experiências de identificação com o que é dito na música, sobre a experiência de viver na periferia, sobre ser negro, sobre a pobreza, dentre outros (HINKEL; MAHEIRIE, 2011).

O conflito entre a cidade rica e germânica e a periferia pobre e negra foi tomado pelos sujeitos, através da música, para a reapropriação da cidade, levando-os a participar mais ativamente, por exemplo, da associação de moradores da região e a valorizar a cultura negra, com um dos entrevistados seguindo a carreira de cabeleireiro afro, para, segundo ele, espalhar

a cultura afro na cidade. Tais exemplos reiteram a capacidade do processo de apropriação da arte de “ampliar a potência de ação dos sujeitos, possibilitando-lhes lutar pela preservação da própria existência” (HINKEL; MAHEIRIE, 2011, p.396).

Essa noção de coletividade propiciada pelo contato com o Rap permite, ao mesmo tempo, uma conversão do coletivo em singular, com o sujeito estando ativo e criando seus próprios significados a partir daqueles expressos na música. Dessa forma, é possível reinventar-se a partir dessa nova postura estética, alcançando “horizontes mais largos de emancipação” (HINKEL; MAHEIRIE, 2011, p.397).

Outros estudos seguem na mesma direção, como é o caso de Palhares (2014), que analisou as relações dialéticas na constituição de sujeito ao participar de um grupo de capoeira, incorporando em si aspectos históricos da origem da dança, compartilhando conhecimentos e valores culturais, ampliando sua visão de mundo através da socialização com os diversos membros do grupo. Além disso, as relações, por serem mediadas por signos, na capoeira podem adquirir novos sentidos, “por meio dessa outra significação social e cultural que permeia seu “novo eu”, constituído pela práxis da capoeira” (PALHARES, 2014, p. 994). A identidade do sujeito, portanto, é construída individual e coletivamente, se constituindo nas relações dialéticas do grupo.

Já Reis e Zanella (2010) utilizaram a dança do ventre para analisar diversos aspectos da teoria de Vygotsky, como a relação com o outro, no caso o espectador, representada na dança pela alteridade, que seria “a dimensão da relação semioticamente mediada com um outro, por meio da qual o eu se constitui” (REIS; ZANELLA, 2010, p. 150). O conceito de catarse também é utilizado para tratar dos passos da dança como meio de expressão das emoções, através da elaboração estética. A questão do corpo e da expressão e significação do gênero feminino também foram abordadas, com a dança podendo criar possibilidades de se reconhecer como mulher:

A relação estética com o corpo generificado revelou-se como fundamental, possibilitando a compreensão da dança do ventre como produção estética do feminino, ou seja, como um modo de objetivação e subjetivação que, pela forma como constrói esteticamente o corpo da bailarina, inscreve nele as marcas de um lugar socialmente reconhecido como feminino (REIS; ZANELLA, 2010, p. 155).

No caso de Boal (2005), sua práxis se dá com a criação de projetos que visam à emancipação estética, buscando fugir da massificação provocada por uma arte pasteurizada, que, de acordo com o autor, serve para reforçar a alienação da população. Sua criação mais famosa, o Teatro do Oprimido, subverte as posições de atores e espectadores, redefinindo o papel do público e estimulando sua participação e interferência, possibilitando a criação conjunta da

peça. O foco do trabalho são as questões cotidianas vivenciadas pela população ali presente, visando à sua transformação, a partir de elaborações coletivas sobre os problemas a serem enfrentados, dando espaço, inclusive, para a catarse e para a ressignificação da realidade (BOAL, 2005).

Outro projeto de Boal (2009), chamado Prometeu, busca redefinir o que é ser artista, democratizando a produção artística, refutando a existência da genialidade ou talento único, indo ao encontro da psicologia histórico-cultural, mais especificamente de Leontiev, de que:

Não existem indivíduos biologicamente predispostos ou não-predispostos à atividade artística ou científica ou outra qualquer, mas sim o contrário, que a apropriação das obras artísticas, científicas etc. é que cria nos indivíduos o talento correspondente àquele campo da atividade humana (DUARTE, 2004, p. 60).

Nesta perspectiva, perde-se a ilusão de que a criação possa ser um dom natural, uma dádiva restrita a poucas pessoas, os supostos gênios. Se a imaginação é composta a partir de vivências do real, todo sujeito é capaz de imaginar, e quanto maior a possibilidade de experimentar diferentes vivências, maior a quantidade de elementos a serviço da imaginação (ZANELLA et al., 2005).

Através de jogos que focam nos três polos principais da arte de Boal, a saber, a Palavra, a Imagem e o Som, os participantes do projeto Prometeu vão, aos poucos, percebendo que toda criação tem valor artístico, que sua história é válida e pode servir como força motriz para a imaginação. Tendo sido realizada em diversas comunidades e em diferentes países, o projeto tem como objetivo despertar o artista que existe em cada um, aumentando a possibilidade de criação e de transformação. Um exemplo de um dos jogos é dado por Boal:

Para deixar claro que *somos todos artistas*, cada um à sua maneira, façamos este exercício demonstrativo simples: 1 - em círculo, os participantes escrevem em um papel a sua assinatura normal – aquela do dia-a-dia; 2 - passam os papéis para a pessoa do lado direito, que deve imitar a assinatura do companheiro; 3 - terminada a imitação, voltam os papéis para os seus donos, que comparam a pequena obra de arte que fizeram com a imitação: assinaturas revelam a personalidade do autor, são obras de arte inimitáveis, como as impressões digitais (BOAL, 2009, p. 200).

Com isso, possibilita-se a realização de uma atividade até então reprimida, gerando novas vivências e experimentações e podendo ressignificar o papel do sujeito no mundo, com o mesmo descobrindo novos potenciais de ação. Por fim, Boal conclui que:

A meta principal do TO é, através dos meios estéticos, descobrir e conhecer a sociedade em que vivemos e, sobretudo, transformá-la. Sempre. Em todas as intervenções que fazemos, esse é o nosso desejo. Por essa razão, dizemos que um espetáculo ou

evento do TO não termina quando acaba: sempre procura deixar raízes. (BOAL, 2009, p. 215).

Tais exemplos procuram evidenciar o papel da arte na produção de uma vivência não totalmente alienada, com uma produção de sentidos e significados congruentes com o desejo e subjetividade dos indivíduos. Dessa forma, o pensamento criativo pode ressurgir, dando de volta ao homem uma de suas características mais definidoras e revolucionárias, afinal, um pensamento criativo é:

[...] necessariamente um pensamento dialético: dialético por seu jogo entre realidade vivida e reflexão, dialético por sua negação crítica e sua afirmação incitadora de soluções originais, dialético pela tensão que estabelece entre passado, presente e futuro (MARTIN-BARÓ, 2015, p. 460).

Assim, as relações humanas, mediadas pela arte, podem contribuir para uma constituição de sujeito com maior capacidade de ação sobre o mundo. Além disso, situações de opressão, de desigualdade e injustiça pode ganhar na arte uma grande parceira para seu enfrentamento, ressignificando-as e criando possibilidades de mudança. O sujeito, então, pode passar a se enxergar como capaz de promover transformações, seja no seu cotidiano, na sua comunidade ou nas suas relações pessoais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo não esgota as possibilidades da interlocução da arte com uma práxis consciente e transformadora, seja na Psicologia ou em outros campos, nem das possibilidades de constituição da subjetividade proporcionada pelo contato com a arte. Portanto, é válido ressaltar que as contribuições de tal atividade devem continuar a serem exploradas, visando sempre à transformação social. Além disso, acreditamos que a abordagem histórico-cultural deveria ser mais utilizada dentro da Psicologia, já que suas propostas podem contribuir para uma atuação mais próxima da realidade na qual estamos inseridos.

A exploração pelo trabalho, assim como as opressões produzidas no âmbito da sociedade capitalista, reduz as possibilidades do sujeito de se emancipar e alcançar uma vida mais digna, principalmente no Brasil. O processo de alienação proveniente da divisão do trabalho e da propriedade privada cerceia a liberdade humana, sua criatividade e imaginação, criando uma forma de vida muito distante da proposta por Vygotsky, na qual o gênero humano atingiria seu potencial máximo. Com isso, acredita-se que o contato com a arte permite a apropria-

ção e a objetivação de características humanas até então reprimidas, potencializando sua capacidade criadora e, conseqüentemente, revolucionária. Acreditamos que a arte pode servir para democratizar o acesso aos bens da humanidade, estimulando a emancipação dos sujeitos e a transformação do mundo em que vivem. Dessa forma, sua valorização deve ser constante e cada vez maior, buscando atingir públicos que ainda não possuem um contato cotidiano com a mesma, como fazem os projetos de Augusto Boal, ressaltando seu aspecto fundamental de que é importante também “fazer arte, não só consumi-la”. Trabalhos como o da periferia de Blumenau, que criam espaços de contato e criação de jovens com a experiência artística, são essenciais e devem ser cada vez mais incentivados.

Por ser tão ligada à cultura, a constituição do sujeito não pode ser analisada distante da mesma, o contato com o meio influencia de forma constante a formação dos indivíduos de nossa sociedade. Por isso, a crítica de Vygotsky sobre abordagens que ignoram tais características fundantes da personalidade ainda é válida. E é por isso também que a arte pode contribuir para a psicologia, seja na sua atuação, aplicando-a no cotidiano, seja para alcançar um melhor entendimento das nossas relações com o mundo, seja, por fim, para transformar a realidade.

REFERÊNCIAS

- AITA, Elis Bertozzi; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. Subjetividade: uma análise pautada na Psicologia histórico-cultural. **Psicologia em Revista**, 17(1), 32-47, 2011.
- BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas** (7ª ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- BOAL. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- DUARTE, Newton. Formação do indivíduo, consciência e alienação: o ser humano na psicologia de AN Leontiev. **Cadernos Cedes**, 44-63, 2004.
- HINKEL, Jaison; MAHEIRIE, Kátia. Apropriação musical: a arte de ouvir rap. **Psicologia em Estudo**, v. 16, n. 3, p. 389-398, 2011.
- JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz. As artes e o desenvolvimento cultural do ser humano. **Educação & Sociedade**, 69(20), 34-59, 1999.
- KONDER, Leandro. **O que é dialética**. Brasiliense, 2017.
- MARTÍN-BARÓ, Ignacio. Del pensamiento alienado al pensamiento creativo (1971). **Teoría y Crítica de la Psicología**, (6), 457-486, 2015.

MARTINS, Lígia Márcia. Introdução aos fundamentos epistemológicos da Psicologia Sócio-Histórica. **Sociedade, Educação e Subjetividade: Reflexões Temáticas à Luz da Psicologia Sócio-Histórica**. São Paulo: Cultura Acadêmica: Universidade Estadual Paulista, Pró-Reitoria de Graduação, 2008.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Boitempo editorial, 2015.

MARX, Karl. **Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política**. Boitempo editorial, 2015.

MOLON, Susana Inês **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. Editora Vozes Limitada, 2017.

MOUTINHO, Karina; DE CONTI, Luciane. Considerações sobre a psicologia da arte e a perspectiva narrativista. **Psicologia em Estudo**, v. 15, n. 4, p. 685-694, 2010.

MARX, Karl; **Contribuição à crítica da economia política**; São Paulo, Expressão Popular, 2008

PALHARES, Leandro Ribeiro. Vigotski jogaria Capoeira? Apontamentos sobre a constituição de um capoeirista do ponto de vista da abordagem histórico cultural. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, 2014.

DOS REIS, Alice Casanova; ZANELLA, Andréa Vieira. A constituição do sujeito na atividade de estética da dança do ventre. **Psicologia & sociedade**, v. 22, n. 1, p. 149-156, 2010.

ROTHER, ET. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta paul. Enferm** 2007; 20(2):v-vi.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, A. Prolegómenos a una teoría de la educación estética. In: SÁNCHEZ VÁZQUEZ, A. **Cuestiones estéticas y artísticas contemporáneas**. México: Fondo de Cultura Económica, 1996. p. 95-106.

SAVIANI, Demerval. Perspectiva marxiana do problema subjetividade-intersubjetividade. **Crítica ao fetichismo da individualidade**. Campinas: Autores Associados, p.21-52, 2004.

SAVIANI, Demerval. ; DUARTE, Newton. A formação humana na perspectiva histórico-ontológica. **Revista Brasileira de Educação**, 15(45), p.422-433, 2010.

DA SILVA, Flávia Gonçalves. Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicologia da Educação. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação**. ISSN 2175-3520, n. 28, 2009.

SIRGADO, Angel Pino. O social e o cultural na obra de Vigotski. **Educação & Sociedade**, 21(71), 2000.

SCHÜHLI, Vitor Marcel; ROSSLER, João Henrique. Propostas marxistas de educação estética: aproximações e afastamentos em torno do fenômeno da catarse. **Perspectiva**, v. 29, n. 2, p. 699-725, 2011.

VYGOTSKY, Liev Semionovich. Arte e vida. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, Liev Semionovich. Manuscrito de 1929. **Educação & Sociedade**, 21(71), p.21-44, 2000.

VYGOTSKY, Liev Semionovich. O significado histórico da crise da psicologia: uma investigação metodológica. **Teoria e método em psicologia**, v. 3, p. 203-417, 2004.

ZANELLA, Andréa V. Atividade, significação e constituição do sujeito: considerações à luz da psicologia histórico-cultural. **Psicologia em estudo**, v. 9, n. 1, p. 127-135, 2004.

ZANELLA, Andréa V. Sujeito e alteridade: reflexões a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicologia & Sociedade**, 17(2), p.99-104, 2005.

ZANELLA, Andréa V et al. **Movimento de objetivação e subjetivação mediado pela criação artística**. *Psico-USF*, 2005, 10, 191-199.